

Revisitando o passado: relatos de infância em *Aboio de fantasmas*, de Andréia Delmaschio

Revisiting the Past: Childhood Stories in *Aboio de Fantasmas*, by Andréia Delmaschio

Flora Viguini*

Não se distinguem palavras na canção do boiadeiro; nem ele as articula, pois fala ao seu gado, com essa outra linguagem do coração, que entenece os animais e os cativa.

José de Alencar

Adaptado¹ ao andar vagaroso dos animais, o aboio é um canto geralmente sem palavras, com uma melodia lenta. É entoado pelos vaqueiros para conduzir o gado para dentro dos currais ou para as pastagens. Segundo

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ VIGUINI, Flora. Revisitando o passado: relatos de infância em *Aboio de fantasmas*, de Andréia Delmaschio. In: SODRÉ, Paulo Roberto; FREIRE, Pedro Antônio; AMARAL, Sérgio da Fonseca (Org.). *Brav@s companheir@s e fantasmas 8: estudos críticos sobre o(a) autor(a) capixaba*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 2018. p. 153-159. Disponível em: <https://blog.ufes.br/neples/files/2020/04/E-book-Bravos-companheiros-e-fantasmas-8-com-ISBN-corrigido_compressed.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2021.

Luís da Câmara Cascudo, o vocábulo aboio é de origem brasileira, pertencente às raízes do sertão brasileiro, sendo levado, posteriormente, para Portugal, uma vez que lá aboio significava pôr uma boia em alguma coisa. É com o empréstimo de tal palavra, mas sem o intuito de colocar uma boia em algo ou até mesmo de conduzir bois pelo pasto, que Andréia Delmaschio batiza seu livro *Aboio de fantasmas*, publicado em 2014. Ao criar uma espécie de ficções da memória, por meio de sua toada com palavras, Delmaschio evoca e conduz seus personagens, ora de sua rede de emoções – Meu pai, Mãe, Alex, Flora, Francisco, etc. – ora de seus medos ou dos medos do outro, para serem protagonistas de uma miscelânea de textos em formato de contos-crônicas. Na tentativa de se lembrar das cores que dominavam sua infância ou até mesmo da morte de um filhote de passarinho, a narradora se dá conta de que a memória esquece ou muitas vezes não quer lembrar. Nesse sentido, faz-se necessário ficcionalizá-la. “É tudo ficção. Mesmo o que realmente ocorreu. Qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais é mera coincidência”, alerta Delmaschio, já em seu prefácio. Essa forma de transcrever fatias do real biográfico sem se comprometer com uma responsabilidade atrelada a discursos de verdade não é uma ferramenta nova. Vide o *disclaimer*, praticado nos filmes de Hollywood, de que qualquer semelhança com o mundo real não passaria de mera coincidência (CAÏRA, 2011, p. 153). Em seguida, Delmaschio volta atrás, afinal de contas, nada mais convidativo do que deixar o leitor decidir se ele quer acreditar na construção dessa memória reinventada ou não: “melhor dizendo. Tudo realmente ocorreu. Mesmo o que foi inventado. Qualquer dessemelhança com fatos ou pessoas reais é mera coincidência”. Sem poder se apoiar em verdades, quem lê pode decidir se quer ou não seguir o canto da autora, tornando-se parte de seu clã de fantasmas.

Relatos de infância?

O livro é dividido em cinco partes: “Primeiros fantasmas”; “De super-heróis (uma

família inventada)”; “Fantasmas noturnos”, “Estranhos familiares” e “Novos fantasmas”. Os seis contos-crônicas que compõem o capítulo “Primeiros fantasmas” remetem à infância da narradora. Para tanto, Delmaschio recorre ao formato de relato de infância na tentativa de apreender o vivido, transformando-o, em parte, em ficção. O relato de infância é definido por Denise Escarpit como:

É um texto escrito [...] no qual um escritor adulto, através de diversos procedimentos literários, de narração e de escrita, conta a história de uma criança – ele próprio ou um outro - ou um recorte da vida de uma criança: trata-se de um relato biográfico real – que pode então ser autobiográfico – ou fictício² (ESCARPIT, 1993, p. 22).

Por serem as lembranças à desse período demasiadamente fragmentárias e evanescentes, a narradora, em primeira pessoa, sem deixar entrever se sua identidade é semelhante à da autora que assina o livro, já que a protagonista não é nomeada, utiliza-se de pequenos recursos para lembrar-se de muitos incidentes, como a imagem visual e aspectos sensoriais, de acordo com o que aparece no texto “A maciez do ferro”:

Meus irmãos e eu éramos, quando crianças, catadores de ferro. Sim, exatamente como os atuais catadores de lata ou papelão. Não me lembro do que fazíamos – se éramos nós que fazíamos – com o dinheiro da venda dos grandes nacos pretos coletados nos terrenos baldios do nosso bairro suburbano. Lembro mesmo é do som macio que saía do ferro pisado pela conguinha vermelha desbotada (é curioso como, para descrever os objetos que nos acompanham no tempo, continuamos nos referindo à cor que tiveram um dia e, de dentro do box, pedimos que nos joguem a toalha de banho marrom que ninguém é capaz de encontrar, porque agora são todas bege). Recordo o paradoxo sinestésico da maciez do ferro, amontoado em pedaços que se entrechocavam sob os pés, emitindo o som agradabilíssimo (DELMASCHIO, 2014, p. 23).

Percebe-se nessa passagem que, para se lembrar de algo muito corriqueiro de sua infância, a narradora precisa associar tais momentos ao peso/leveza do ferro e às cores do objeto, uma vez que a dificuldade maior do relato de infância se deve ao fato de que as lembranças são estilhaços de memórias. E, muitas vezes,

² “C’est un text écrit [...] dans lequel un écrivain adulte, par divers procedes littéraires, de narration, ou d’écriture, raconte l’histoire d’un enfant - lui même ou un autre -, ou une tranche de la vie d’un enfant: il s’agit d’un récit biographique réel – qui peut alors être une autobiographie – ou fictif ”. As traduções deste trabalho são todas feitas por mim, salvo indicação contrária.

não correspondem ao que de fato ocorreu. Para Sigmund Freud, em seus estudos sobre lembranças infantis, a maioria delas é mascarada porque é mesclada a outro tipo de lembrança, vivida em um momento diferente. De acordo com Freud, existem duas forças divergentes, sendo a primeira o desejo de preservar, enquanto a segunda é a resistência. Por serem oponentes, nenhuma das duas forças é predominante. Paradoxalmente, ocorre uma conciliação entre as duas, ou seja, há uma preservação da imagem, mas não necessariamente da verdadeira. Para tanto, a partir daí, aparece o conceito de lembrança encobridora, definida pelo pai da psicanálise como “aquela que deve seu valor enquanto lembrança não a seu próprio conteúdo, mas às relações existentes entre aquele conteúdo e algum outro, que foi suprimido” (FREUD, 1976, p. 351).

Outra passagem em que há uma semelhança entre o objeto ferro, carregado pela narradora, e sua tentativa de lembrar-se de determinado momento de sua infância, encontra-se justamente na questão do peso do material:

Principalmente não me esqueci de que vivia uma contradição: se recolhesse muito ferro, não tinha como carregá-lo, por ser extremamente pesado; se recolhesse pouco, ao fim do dia tinha de juntá-lo com o resto, para melhor acondicionamento, na sacola de um dos meus irmãos, perdendo assim o mérito pelo trabalho realizado. Era o velho problema de juntar e não poder carregar. E provavelmente me prejudicava a pouca idade (DELMASCHIO, 2014, p. 23).

O velho problema de juntar o ferro e não poder carregar não é nada mais do que a dificuldade que a narradora aparenta ter ao tentar relatar a infância? Esse desejo de unir e levar consigo cada momento do que foi vivido em sua exatidão é também um fardo. Tantas memórias são igualmente pesadas. Na tentativa de resistir e preservar um momento, fabula-se em torno de detalhes esparsos e vagos que o constituíram ou não. É uma imagem não muito nítida do passado, recriada. “O relato de infância é totalmente fabricado, já que a infância se

encontra fora da narrativa porque está fora do tempo. Ao tentar recapturá-la, ela não se desenrola, se enrola”³ (DOUBROVSKY, 1989, p. 339).

Outra lembrança encobridora que merece destaque é a que aparece na sequência dos textos “Na casa dos girassóis (parte 1)” e “Na casa dos girassóis (parte 2)”, inseridos no capítulo “De super-heróis (uma família inventada)”. Em ambos, a narradora relata um episódio de sua infância, de quando passava férias com a família num sítio. Em determinado momento, ela tenta se lembrar de uma ocasião em que buscava compreender, junto com seu irmão caçula Alex, o porquê do ataque de passarinhos adultos a um filhote de colibri:

Todos eles gritavam e beliscavam o filhote. Para nós era um espetáculo novo e completamente ininteligível. Tive pena do recém-nascido e uma vontade enorme de protegê-lo de tantas bicadas agressivas, mas não me senti no direito de interferir naquilo que nem mesmo compreendia o que era. Alex, apesar de visivelmente contrariado, decretou: “Deixa, que a mãe sabe o que faz!” A sarivada de bicos curtos e longos durou alguns poucos minutos, que no entanto pareciam um século para a nossa espera embotada, sem qualquer entendimento do caso.

Foi quando, súbito, a gritaria se acelerou, e também os ataques à pequena cambucira, todos lhe metendo os bicos ao mesmo tempo. A violência daquilo já nos amargurava, quando de repente cessou todo o barulho e vimos uma cobra camuflada, pele idêntica à casca do galho, abocanhando o filhote implume e logo depois descendo da planta espinhosa num rastejo lento de animal saciado, os pezinhos do bebê pássaro despontando ainda entre os dentes (DELMASCHIO, 2014, p. 45).

Foi assim que ficou arquivado esse acontecimento na memória da narradora. Ao transformar a lembrança em texto e publicá-lo em seu blog pessoal – no caso, o blog seria de Delmaschio –, é apresentado ao leitor, no texto “Na casa dos girassóis (parte 2)”, que Alex, irmão da narradora, questiona sobre uma passagem que ela parece ter omitido. Prontamente ele narra algo que pode ter sido apagado da memória daquela que escreve. O responsável pela morte do filhote foi o próprio Alex, uma vez que colocou o passarinho de volta ao ninho depois dos colibris terem-no lançado da árvore para salvá-lo do ataque da cobra.

³ “Une enfance est hors récit, parce que hors temps. Dès qu’on tente de la ressaisir, elle ne se déroule pas, elle s’enroule”.

Ele havia contribuído, assim, para a morte do passarinho. É neste momento que a narradora se dá conta da impossibilidade de relatar o acontecimento tal como ocorreu, ou seja, o fato em si quando se trata do que já foi vivenciado na infância:

Penso em quanto esquecimento, quanta deturpação... e na impossibilidade sem tamanho de recuperarmos o dito acontecido. E saber que tirei tanto prazer de relembrar e relatar! Gostei especialmente de replantar no texto o pomar inteiro de mamãe e quiçá, concluo agora, frutas que lá nunca existiram. [...] E me esqueci de que Alex, entre condoído e confuso, apanhou do chão de terra o pequeno pássaro e devolveu-o, cuidadosamente, ao ninho, entregando-o, por suas próprias mãos amorosas ao apetite peçonhento do destino (DELMASCHIO, 2014, p. 47-48).

Esse excerto vai ao encontro do que Freud propõe sobre a ideia das lembranças falseadas, já que se misturam com outras, criando uma versão híbrida de um fragmento de memória. Há, portanto, sempre algo que escapa quando o autor tenta relatar sua própria infância ou a do outro. Em *Lectures d'enfance* (1991), Jean-François Lyotard admite esse indizível no que tange ao ato de escrever sobre a infância. Para ele, se o sujeito somente se constitui ao adquirir a linguagem, será necessário trabalhar com um resíduo alojado em seu inconsciente, construído na infância. "Quando me vem a lei, o eu e a linguagem, já é tarde demais" (1991, p. 39). Dessa forma, aquilo que não se pode lembrar, pode surgir nas memórias da infância de forma reconstruída a partir daquilo que pais e outros familiares contaram. O relato de infância é como um emaranhado de fios, que vão se desmanchando enquanto são separados. Em alguns textos de *Aboio de fantasmas*, são os fósseis do passado sendo escavados, constituindo a vaga lembrança de espectros que já não se alcançam mais num olhar preciso, possível.

Enigma

Ainda que Delmaschio trabalhe com várias fôrmas de escrita, a cada capítulo, para apresentar seus vários "eus", utilizando como base as memórias, há diversos aspectos que podem ser analisados em *Aboio de fantasmas*. Fica-nos claro, contudo, que o relato de infância como procedimento literário, enseja a

identificação entre o narrador e o autor que busca reescrever suas lembranças longínquas, tornando-se outro em relação a si mesmo, olhando-se com olhos de outro. É o eu adulto, distante, escrevendo sobre a criança que um dia já foi. Assim, alguns textos contêm biografemas, informações que vão ao encontro de características da autora-narradora, mas livremente entrelaçados com uma matéria ficcional. Não deixar claro para o leitor se tudo é verdade ou mentira, se o livro é um tudo ou nada, o jogo criado por Delmaschio demonstra o enigma do fantasma da nossa própria memória. Na tentativa de relatar exatamente como foi a infância, deparamo-nos com a vontade de dizer a “verdade” em toda a sua potência. Com essa impossibilidade, cria-se um enigma a ser desvendado: como contar o indizível? Para Delmaschio, essa é a mesma sensação de ter a impressão de estar vendo alguém e em seguida descobrir que não havia ninguém ali. Tenta-se construir, portanto, esse enigma em palavras numa conversa com o leitor, ocasião na qual, autor, narrador e leitor, nunca mais, estarão tão próximos quanto neste exato momento.

Referências:

- CAÏRA, Olivier. *Roman au jeu d'échecs*. Paris: l'EHESS, 2011.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [1969].
- DELMASCHIO, Andréia. *Aboio de fantasmas*. Vitória: Secult-ES, 2014.
- DOUBROVSKY, Serge. *Le livre brisé*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1989.
- ESCARPIT, Denise. Le récit d'enfance. Um classique de la littérature de jeunesse. In: _____; POULOU, Bernadette (Org.). *Le récit d'enfance. Enfance et écriture*. Paris: Sorbier, 1993. p. 23-29.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. III (1893-1899), p. 333-354.
- LYOTARD, Jean-François. *Lectures d'enfance*. Paris: Galilée, 1991.